

Estágio Colaborativo: Uma experiência possível?

Público Alvo: Professores do Ensino Fundamental e Médio, alunos de graduação e interessados na perspectiva de formação de professores.

Palavras Chave: Estágio, Estágio Colaborativo, Relação Professor-Estagiário, Projeto Luso-Brasileiro, Grupos Colaborativos, Formação de Professores.

Autores: Décio Lauro Soares e Keli Cristina Conti.

Sumário

1. Introdução.....	03
2. Procedimentos utilizados.....	05
3. Descrição da 1ª experiência colaborativa.....	06
4. Procedimentos de análise.....	08
5. Conclusões.....	09
6. Bibliografia.....	11

Introdução

O estágio colaborativo, entendido como caso particular do conceito de grupos colaborativos (FIORENTINI, 2004) surgiu enquanto plano de pesquisa por parte dos autores através da participação de ambos no “Projeto Luso-Brasileiro de Pesquisa sobre investigações Matemáticas no Currículo e na Formação de Professores” desenvolvido pelo grupo de pesquisa PRAPEM¹ da UNICAMP².

A inserção dos autores no Projeto se deu de maneiras distintas e voluntárias, um (Décio) através de seu vínculo enquanto aluno de graduação da UNICAMP e da correspondência das diretrizes do Projeto com sua Iniciação Científica, o outro (Keli) através de sua participação nos encontros do GdS³, sua preocupação com a formação continuada, além de seus 6 anos enquanto professora de matemática das redes particular e pública (estadual) de Campinas e região.

Nesse contexto se formou uma parceria no início de 2005, com intuito de analisar essa proposta diferenciada de estágio sob duas perspectivas diferentes: a do professor e a do estagiário colaborativo.

Embora a avaliação dessa proposta diferenciada de estágio, presente nesta comunicação, expresse as opiniões pessoais dos autores frente ao assunto, todo o trabalho desenvolvido até o momento sempre passou por reflexões conjuntas, e por que não dizer colaborativas, de todo o grupo envolvido no Projeto Luso-Brasileiro tendo como principais orientadores: o Prof.Dr. Dario Fiorentini e a Prof.Dra. Dione Lucchesi de Carvalho, ambos Professores titulares da UNICAMP, além de coordenadores do Projeto.

Ressaltamos ainda que embora não seja o foco principal de análise desta comunicação, nossa proposta de estágio colaborativo tem uma ênfase especial em atividades investigativas em sala de aula, de modo que nossa participação no GdS, bem como as reflexões levantadas nessas reuniões, tem grande contribuição na realização desta.

¹ Prática Pedagógica em Matemática.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ O GdS (ou Grupo de Sábado) vem se reunindo aos sábados pela manhã, desde 1999, com o intuito de ler, refletir, investigar e escrever sobre sua própria prática escolar em matemática. O grupo, ao longo de seus seis anos de existência, tem publicado, além de artigos, dois livros que trazem narrativas e estudos sobre a própria prática de ensino de matemática dos professores.

Com isso, nossa intenção aqui é apresentar esperanças, expectativas e frustrações com essa proposta de estágio colaborativo, através das duas perspectivas supradescritas, com intuito de servir como relato, ou mesmo como elemento norteador para futuras experiências desta diferenciada relação entre professores e estagiários, relação essa hoje um pouco distante refletindo também a distancia existente entre a Academia e as escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Esta apresentação se dará de forma expositiva, com relatos sobre algumas experiências realizadas em salas do Ensino Fundamental e Médio, das redes pública e particular de Campinas, incluindo algumas experiências realizadas no âmbito do EJA⁴.

⁴ Educação de Jovens e Adultos.

Procedimentos utilizados

A proposta de colaboração (FIORENTINI, 2004) contempla desde a criação e concepção de atividades até a reflexão conjunta dos resultados destas atividades e outras que porventura possam ser criadas, adaptadas ou mesmo reproduzidas em outros contextos.

Dessa forma, relataremos a seguir a descrição de nossa primeira experiência colaborativa, citando alguns aspectos que se relacionem com a proposta de estágio colaborativo por nós concebida.

Já, no tocante ao material de pesquisa oriundo da implantação dessa proposta de estágio diferenciado, decidimos por apresentá-lo durante nossa comunicação apenas de modo expositivo, no intuito de concentrar a produção desse trabalho, e conseqüentemente a atenção do leitor, apenas em nosso objeto de pesquisa que é a proposta de estágio colaborativo.

Assim, o caráter avaliativo da produção dos educandos durante as atividades realizadas será abordado em estudo posterior no qual pretendemos tomar outro rumo de investigação, o das atividades exploratório-investigativas que realizamos nesse contexto.

Portanto, esperamos que a descrição de procedimentos supracitados possa então fornecer os critérios que utilizamos para a seleção de certos tipos de dados em detrimento de outros.

Descrição da 1ª experiência colaborativa.

Optamos aqui por descrever todos os procedimentos que nortearam essa nossa primeira experiência colaborativa (enumerando-os na medida do possível) acrescentando alguns comentários relevantes quando da observação dessa atividade sob a perspectiva da proposta de estágio colaborativo.

1. Conhecimento da proposta de grupos colaborativos através do projeto Luso-Brasileiro de Pesquisa sobre investigações Matemáticas no Currículo e na Formação de Professores.
2. Pedido de autorização de estágio e implantação de uma metodologia de ensino diferenciada junto a escola Prof. Adalberto Prado e Silva.
3. Escolha de uma atividade através de consulta ao livro “Investigações Matemáticas em sala de aula”.
4. Discussão dessa atividade em um dos encontros do GdS.
5. Reflexão colaborativa entre professora e estagiário sobre a realização da atividade.
6. Adaptações a atividade no intuito de aproxima-la ao contexto em que seria trabalhada.
7. Realização da atividade em três momentos distintos, intercalados de reflexões colaborativas sobre a aplicação e os resultados.

Primeiro momento: Prof^a. na escola particular.

Segundo momento: Prof^a. e estagiário na escola pública estadual (mesma sala).

Terceiro momento: Prof^a. e estagiário na escola pública estadual (salas distintas).

8. Reflexão colaborativa final, referente a uma análise de todas as etapas quando da aplicação dessa atividade.

Comentários importantes:

Apesar dos vários momentos de prévia preparação da atividade, havia ainda uma certa insegurança por parte de ambos (profa. e estagiário) quanto a realização da proposta.

Inicialmente as interações eram mais cooperativas que colaborativas, sendo que a construção da colaboração se deu de forma efetiva posteriormente, na medida em que a afinidade na relação entre professor e estagiário aumentava. Essa construção, através do estreitamento da relação vem ao encontro de FIORENTINI (2004, p. 53) que afirma:

[...]De fato, os grupos de estudo e pesquisa iniciam, normalmente, com uma prática mais cooperativa que colaborativa. Mas, à medida que seus integrantes vão se conhecendo e adquirem e produzem conjuntamente conhecimentos, os participantes adquirem autonomia e passam a auto-regular-se e a fazer valer seus próprios interesses, tornando-se, assim, grupos efetivamente colaborativos.

Ainda que as atividades passem por um longo período de elaboração e preparação conjunta, algumas adaptações de ultima hora se fazem necessárias após todo esse período de preparação dependendo do contexto em que são aplicadas. (Ex.: Divisão da turma; modificação no vocabulário de abordagem, adaptação do material utilizado, etc.).

Algumas outras atividades desenvolvidas colaborativamente:

- Construções estatísticas: gráficos; tabelas e vocabulário.
- Jogos (Números inteiros, operações elementares e reforço).
- Situações problema.
- Atividades exploratório-investigativas.
- Investigações geométricas.

Procedimentos de análise

Seguindo uma postura equilibrada (LÜDKE & ANDRÉ, 1986) que reconhece a impossibilidade de separação dos valores pessoais do processo de pesquisa, o autor pretende atentar para alguns cuidados essenciais no sentido de controlar a subjetividade, citados por Menga Lüdke (1986, p.51), como sendo:

[...]Revelação, por parte do pesquisador, de seus preconceitos, valores, pressupostos, de modo que as pessoas possam julgar o seu peso relativo no desenvolvimento do estudo. Na medida do possível, o pesquisador deve também revelar ao leitor em que medida ele foi afetado pelo estudo, explicitando as mudanças porventura havidas nos seus pressupostos, valores e julgamentos. É importante que ele (pesquisador) deixe claro os critérios utilizados para selecionar certo tipo de dados, e não outros, para observar certas situações, e não outras[...].

Nesses moldes, pretendemos produzir nossas análises segundo duas perspectivas distintas:

- 1^a **Perspectiva da Professora:** “Baseada em minha experiência ministrando aulas junto ao ensino fundamental e médio já a seis anos, nas reflexões junto ao GdS e comparativamente aos estagiários que recebi em minhas salas, pretendo com isso realizar uma análise da proposta desenvolvida.
- 2^a **Perspectiva do estagiário:** “Pretendo fundamentar minha análise através de alguns enfoques que embora distintos, quando utilizados em conjunto possam fornecer elementos de comparação sob os quais tenho a intenção de basear minhas conclusões. São eles: as reflexões junto ao GdS e ao grupo de propostas diferenciadas de estágio; o estudo do material produzido por outros educandos, quando de sua prática de estágio, arquivados no CEMPEM⁵; a construção e troca de conhecimentos e experiências junto aos meus companheiros de curso durante os encontros semanais da disciplina de Prática de Ensino de Matemática e Estágio Supervisionado I; e por fim, embora não menos importante, as opiniões dos próprios alunos enquanto avaliadores de minha prática.”

⁵ Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática.

Conclusões

Conforme descrito nos procedimentos de análise, as conclusões embora realizadas dentro de todo um contexto colaborativo, serão também apresentadas de forma separada, no intuito de justificar e fundamentar os procedimentos supracitados.

- **Na perspectiva da professora:**

“Em minha prática até então, as experiências com estagiários se resumiam em uma pessoa que vinha para minha sala, sentava no fundo e quando muito fazia algumas anotações. Apesar do curto período de implantação dessa proposta na escola onde atuo, fica clara a efetiva contribuição que o estagiário colaborativo trouxe a minha prática, enquanto formação continuada junto a Academia, enquanto regente de sala nas atividades desenvolvidas e nos resultados encontrados e no aspecto colaborativo em si, desenvolvendo a atitude colaborativa e reflexiva.

Também, no tocante aos alunos posso perceber o seu envolvimento com a proposta através da possibilidade de estar trabalhando com temas diversificados e aulas mais interessantes, o que era até então um pouco limitado.”

- **Na perspectiva do estagiário:**

“Ainda que não possua elementos suficientes para fundamentar minha posição em defesa da implantação dessa proposta diferenciada de estágio para todos os cursos de formação de professores da atualidade, eles não me faltam no que diz respeito a uma análise reflexiva-comparativa de minha prática enquanto estagiário colaborativo frente às propostas de estágio vigentes na atualidade.

Acredito que a inserção do estagiário dentro dessa proposta de trabalho colaborativo permite não apenas seu desenvolvimento enquanto sujeito-social nesse espaço sócio-cultural chamado escola, como também é fundamental a sua formação enquanto futuro educador, pois, dependendo das relações prévias desenvolvidas com o professor que o acolhe, permite o contato direto com o ambiente de sala de aula em uma perspectiva de professor (e não de estagiário) desde o início do estágio.

Esse contato quando realizado dessa forma é deveras construtivo haja vista que algumas interações entre o professor e seus educandos (como a questão da disciplina, por exemplo), que tem grande importância no processo de formação do estagiário, possam ficar encobertas, ou sequer virem a tona, caso o professor continue por assumir seu papel de destaque em sala, relegando o estagiário a um segundo plano, já que geralmente esse

professor ao longo de seus anos de experiência dispõe de diversas “ferramentas” para lidar com cada tipo de interação.

Por fim, esse contato diferenciado do estagiário com o educando, além de uma maior abertura de comunicação entre estagiário e professor, permite que se abra mais um canal no qual a Academia possa interagir com a Escola através do intermédio de seus pseudo-representantes, permitindo assim que as novas teorias educacionais possam produzir material de estudo e reflexão aos pesquisadores de maneira mais rápida.

Por tudo isso devo afirmar que já sou partidário, e por que não dizer militante, dessa proposta diferenciada de estágio nos moldes dos grupos colaborativos que despretensiosamente denominamos aqui como estágio colaborativo.”

Bibliografia

- FIorentini, Dario. *Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?* In: BORBA, Marcelo C. & ARAÚJO, Jussara L.A. *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática* Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2004, p. 47-76.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas* EPU. São Paulo, 1986